

Introdução

Lélia Parreira Duarte

Resultado de cursos ministrados na pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG e de pesquisa integrada orientada por mim e financiada pelo CNPq, em nível de aperfeiçoamento e iniciação científica, a partir de 1987, os trabalhos incluídos neste volume têm em comum a preocupação de evidenciar a presença (des)mistificadora da ironia em textos de várias literaturas.

Em sua maioria, eles têm como base análise do discurso de autores portugueses do século XX, presente em textos construídos especificamente a partir do modernismo, o que parece indicar maior uso da ironia e do humor na literatura a partir dessa época de questionamento e iconoclastia. Pode-se entretanto observar estarem aqui presentes também análises de textos de Shakespeare (século XVII), de Antônio José da Silva, o Judeu (século XVIII), de Machado de Assis e Gogol (século XIX), assim como poderiam ter sido estudadas obras medievais – por exemplo, as cantigas trovadorescas de escárnio e de maldizer –, as peças de Gil Vicente, os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, a poesia de Gregório de Matos, a obra romântica de Almeida Garrett ou de Camilo Castelo Branco, os romances realistas de Eça de Queirós ou inúmeros outros textos.

Literatura e Ironia

Encontra-se a ironia, em geral, na obra literária que demonstra consciência de seu processo de construção e/ou percepção da fragilidade da linguagem como estabelecadora de sentido. E também naqueles textos que se caracterizam pela presença de jogos de enganos e de camuflada luta pelo poder ou pela realização do desejo.

É interessante frisar, aliás, que essa desestabilizadora de discursos não é originariamente literária, embora muito utilizada na literatura de todos os tempos: podem ser encontradas expressões marcadas pela ironia já na poesia épica de Homero e na lírica de Arquiloco. Concebida, por suas características, como uma disposição intelectual específica, que a situa entre as atitudes fundamentais do ser humano, a ironia se liga mais à filosofia que à literatura.

Explica-se assim que, ao se falar de ironia, geralmente se faça referência a Sócrates e à sua maiêutica – a sua técnica de perajar idéias –, que consistia

em propor questões dissimuladamente simples e ingênuas ao interlocutor dogmático. Ao contestar disfarçadamente conteúdos tidos como definitivos, o filósofo mostrava a fraqueza dos raciocínios e opiniões, abalava as certezas e fazia instalar-se em seu lugar um vazio. Desenvolvendo essa perspectiva socrática, as teorias modernas reconhecem o caráter reversível da palavra, vista como significativa ao qual podem ser atribuídos múltiplos significados.

A dialética e a capacidade reflexiva próprias da ironia não podem ser susceptíveis, entretanto, de uma interpretação tão ampla quanto parece de início, pois são limitadas, de maneira decisiva, pelo fato de tratar-se de uma reflexividade que funciona nos limites da língua, já que a ironia só pode existir através de sua formalização em algum tipo de linguagem. E nenhuma linguagem se presta mais à presença da ironia que a literária, por suas características de arte feita com palavras encenadas, as quais pretendem apresentar como verdadeiro um sentido fictício, tecido com a trama ilusória de sinais vazios a que se pode atribuir uma arbitrária significação.

As dificuldades do estudo

Várias têm sido as dificuldades para o estudo da ironia, pois trata-se de um fenômeno nebuloso e fluido, de formas e funções muito diversas. Por isso mesmo, faz-se muitas vezes a conjunção de ironia com humor, sátira e cômico, grotesco e sarcasmo, paradoxo, oxímoro, antítese e antífrase, paródia e pastiche, o que é compreensível, já que, em diferentes graus, a ironia geralmente pode ser vista como o elemento básico de todas essas categorias. Outra dificuldade estaria no fato de se falar em vários tipos de ironia: socrática, romântica, cósmica, do destino, do acaso, de caráter, trágica, cômica, filosófica, verbal, situacional, dramática, ingênuo, dupla, auto-ironia, ironia retórica ou de oposição, e de conciliação, **humoresque** ou humor. Outro problema seria a perspectiva de nomeação, cuja referência pode ser o efeito, o meio, a técnica, a função, o objeto, o praticante, o tom ou a atitude. Além disso, cada autor utiliza a ironia à sua maneira, com sua própria estratégia, que está de acordo com o seu estilo pessoal.

Seria interessante tentar estabelecer aqui a diferença entre esses vários tipos de ironia, distingui-la especificamente de humor, sátira, paródia e pastiche e ainda caracterizar o processo de subtração com que se estrutura a ironia e que a opõe à metáfora, figura de adição. Para limitar-me ao espaço exíguo de uma introdução, optei por reunir aqui os vários tipos de ironia em dois grandes grupos, esclarecendo tratar-se de distinção estabelecida a partir dos objetivos da comunicação irônica: ironia retórica, de oposição ou de primeiro grau e ironia filosófica, de conciliação, de segundo grau, **humoresque** ou simplesmente humor.

A ironia retórica

O primeiro grupo é o da retórica, a ironia cuja preocupação é convencer, com a intenção de realizar desejos, conseguir ou manter o poder, usada geralmente no plano do enunciado de um texto, naquele onde se identificam mimese

e literatura, utilizam-se a simulação e a dissimulação e realizam-se lutas de poder entre personagens. Trata-se de procedimento pragmático, com objetivo determinado de busca de sentido e de realização de desejo, configurado geralmente através de jogos de enganos, especialmente pelo complexo esquema do enganador enganado. Muito usado na sátira social, esse tipo de ironia serve à moralização dos costumes, pois exalta valores tidos como "verdades" a serem preservadas: o seu pragmatismo se refere à denúncia de males e/ou vícios sociais, que ela se presta a combater.

A perspectiva da ironia retórica é geralmente a do narrador ou do sujeito do enunciado, das personagens, da diegese, do texto como representação da realidade, colocado como produto pronto e acabado. O seu lugar é o do primeiro plano da obra, aquele onde se travam as lutas ou se fazem os acordos entre as personagens, ou onde o narrador se comunica com o narratário, o receptor intradieético. Nas obras que possuem apenas esse primeiro plano, será o lugar de onde o autor procura se comunicar com o seu leitor, com o objetivo de estabelecer um sentido para o seu texto.

Essa ironia de primeiro grau é antifrástica e simplista: a presença de incongruências indica que no texto onde ela se encontra não se diz o que se diz, ou que o que nele está dito é o contrário do que deve ser compreendido.

Ironia de segundo grau ou humor

O outro grupo é o da ironia de segundo grau, também chamada filosófica, de conciliação, **humoresque**, literária ou simplesmente humor, que se configura como aquela que se apóia na ironia retórica para desmistificá-la. Estruturada conscientemente na e pela linguagem, no plano do significante e da significância, demonstra constantemente a impossibilidade de fixação de um sentido e crítica, por isso mesmo, a ironia de primeiro grau.

A partir de uma base filosófica socrática, esse tipo de ironia revela o reconhecimento de que vivemos num vácuo (in)significante, o que produz a fusão do trágico e do cômico e um riso esboçado e logo suspenso – a universal linguagem da ironia. A essência da ironia **humoresque** define-se, portanto, como consciência da relatividade do homem e do mundo, como certeza de que a linguagem é um artifício e o fazer literário é algo relativizado pela necessidade de um receptor.

Se o espaço da ironia retórica ou de primeiro grau é o do enunciado, o campo da ironia de segundo grau é o da enunciação, da organização da trama, da teia, do tecido, do texto literário propriamente dito. O seu ponto de vista é o do autor, que se comunica com o leitor extradiegético através de manobras e sinais especiais. Este segundo tipo difere do primeiro por não ser pragmaticamente orientado, já que o seu objetivo não é identificar discurso e verdade mas é, ao contrário, a demonstração do caráter reversível da palavra, vista como significante vazio ao qual podem ser atribuídos *n* significados. Enquanto o campo da ironia retórica é o do engano, da sedução, o da ironia literária é o da denúncia dos jogos de enganos, da desmistificação da sedução, do bordado em torno do vazio, no lugar onde a linguagem se confessa construção, artifício, busca ilusória de significação.

Esse segundo tipo de ironia se faz presente no plano de enunciação, da construção da trama textual, nas várias formas através das quais se expressa a divergência entre as diferentes vozes narrativas e no reconhecimento da impossibilidade de fixação de significado a significante. Através da ironia, o autor revela sua consciência de que a literatura é algo produzido, onde se identificam artifícios e artifícios de construção; mostra saber que escrever é tentar comunicar-se e assim, ilusoriamente embora, preencher o vazio, escapar à frustração inerente à vida, vencer o medo e a angústia da morte.

Essa ironia **humoresque** é o lugar da ambigüidade e da dúvida, onde o receptor se vê impossibilitado de escolher qualquer significado definitivo para o texto. Assim, ao invés de servir a uma ideologia, o discurso que usa esse tipo de ironia acaba se constituindo como um questionamento de sistemas de valores estabelecidos, na medida em que privilegia unicamente o ser humano e sua característica fundamental, ou seja: a capacidade de usar um código marcado pelo ludismo, pela fluidez e pela instabilidade próprios da linguagem.

Valorização do leitor

A partir dessas considerações parece ficar claro que, se no discurso não irônico o autor pretende que o leitor receba pronta a mensagem e simplesmente a assimile ou recuse, no discurso irônico é indispensável que o receptor se coloque em ação para participar da construção do texto. Visto como arte, consciência do instante e lugar onde o homem registra sua incapacidade de atingir o absoluto, esse texto situa-se no frágil momento da passagem do determinado ao indeterminado, quando o real manifesta o divino e o finito, o infinito.

Ironia na literatura é, portanto, antes de mais nada, valorização do receptor, estabelecimento de comunicação com o outro, reconhecido e respeitado como um ser que é também sujeito ativo, e não apenas objeto de recepção. Isso equivale à indicação de que a perspectiva apresentada no texto literário irônico não pretende o absoluto ou o universal, mas se define a partir do dialogismo, da atividade de um ser que se dirige a um outro ser, servindo-se da linguagem, afinal, apenas como pretexto ou canal para estabelecimento da comunicação.

Compreende-se assim o fato de serem mais abundantes, neste volume, estudos de obras escritas a partir do modernismo: é que a presença da ironia na literatura acentua-se a cada vez que o homem percebe a estrutura mítica em que vive, e consegue ver que muitas "verdades" são estabelecidas a fim de que a dualidade dominador / dominado permaneça e se acentue. A partir do momento em que o autor expressa sua consciência de que tudo é representação e de que nada existe com valores preestabelecidos, instala-se a presença da ironia que, com seus pequenos sinais, desestabiliza e solapa qualquer significação.

É o que pretendem demonstrar os trabalhos que se apresentam a seguir.

Referências Bibliográficas

ALMANZI, Guido. *L'affaire mystérieuse de l'abominable tongue-in-cheek. Poétique*. Paris: 36: 413 – 426, nov. 1987.

- BOTH, Wayne. *A rhetoric of irony*. Chicago: The University of Chicago Press, 1974.
- BOURGEOIS, André, Préface. *L'ironie romantique*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1974.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Em busca do sentido (im)possível – a construção irônica de O bosque harmonioso, de Augusto Abelaira*. Belo Horizonte: Interlivros (tese de doutorado, no prelo).
- FINLAY, Marike. *The romantic irony of semiotics – Friedrich Schlegel and the crisis of representation*. Berlim/New York/Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1988 (existe tradução feita pelo grupo que estuda a ironia na literatura, na UFMG).
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *L'ironie*. Paris: Flammarion, 1964.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad., pref. e aditamentos R. M. Rosado Fernandes. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- MENDES, Nancy Maria. A quebra da "seriedade" na literatura. *Ensaio de semiótica*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 10: 147 – 157, 1983.
- MUECKE, D. C. *Irony and the ironic*. 2. ed. London: Methuen, 1982.
- VEGA, Celestino F. de la. *El secreto del humor*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1967.
- ZIV, A. & DIEM, J. M. *Le sens de l'humour*. Paris: Bordas, 1987.